

## MULHERES NEGRAS NAS CIÊNCIAS DA NATUREZA: DESCOLONIZANDO SABERES

Rejane Maria da Silva Farias<sup>1</sup>  
Joselina da Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho desenvolve-se a partir do objetivo de contextualizar a produção do conhecimento científico e a percepção de crianças na faixa etária de 10 e 11 anos de idade com relação ao perfil de cientista negra que se fomenta no Brasil. A luz das contribuições de pesquisadores como Munanga (1986); Gonzalez (2020); Davis (1944); Joselina da Silva (2009); Collins (2019); Almeida (2019); além de minhas experiências como professora e pesquisadora. Para tal, o texto foi organizado a partir de uma pesquisa-ação de caráter qualitativo realizado com crianças na faixa de idade sugerida, buscando resgatar as percepções de Ciência que as crianças menores estão a desenvolver na Educação Básica. Construindo com isso, uma narrativa em torno dos saberes caracterizados como científicos, aliados a projeções de salas de aula e contextualizando as práticas que contribuem para criar conhecimentos ligados à intelectualidade de mulheres negras e à História da Ciência no Brasil. Culminando assim, com os desafios postos ao trabalho de produção e validade de conhecimentos femininos negros na comunidade científica brasileira. Nota-se a partir deste estudo que a visão eurocêntrica branca da Ciência perpassa todos os níveis da educação e apresenta-se com clareza na fase inicial desta modalidade de ensino uma vez que as crianças conseguem se despir de muitas atribuições do racismo científico.

**Palavras-chave:** Ciência, Raça, Gênero, Racismo.

### INTRODUÇÃO

Se o acesso de meninas e mulheres ao conhecimento científico e a carreira acadêmica oferece desafios a serem enfrentados, as dificuldades para as mulheres negras são ainda maiores (Catarina Marcolin e Zélia Ludwing).

Através dessa abordagem inicial nota-se que a participação de meninas e mulheres negras nas Ciências estão ao longo do tempo sendo pauta de discussões e análises. Naturalizou-se historicamente o fato da ausência das temáticas de gênero na Educação. Contudo, essa é uma

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Pós Graduação em Educação Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Especialista em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Licenciada em Física pela Universidade Estadual da Paraíba UEPB, [fariasrejane806@gmail.com](mailto:fariasrejane806@gmail.com) ;

<sup>2</sup> Professora associada da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Pós doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Peru (PUCP), Possui doutorado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro ( UERJ).– UF, [joselinajo@yahoo.com.br](mailto:joselinajo@yahoo.com.br);

necessidade emergente. Compreender quais as interfaces que impelem a exclusão de meninas nas áreas científicas.

Resgatando de modo breve a minha vivencia na educação básica não me recordo de imediato de ter tido professoras negras, muito menos quando analiso os livros didáticos, me remeto a visualizar as invenções e pesquisas de mulheres que foram fundamentais para a elaboração dos conhecimentos científicos. Não tenho lembrança clara de ao menos ter colegas negras que de fato fossem valorizadas pelas suas atuações em sala de aula. E como veremos adiante, a representatividade é um dos marcos primordiais para vivência de realidades distintas.

Meus sentimentos na fase inicial da Educação foram de que não haviam contribuições científicas das pessoas negras, muito menos de mulheres negras. Depois da implementação da lei nº 10.639, que tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos Estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, mesmo de que de modo superficial e caracterizado, as pessas negras surgem no cenário científico e com isso comecei a visualizar que muitas meninas negras sentem que a falta de representatividade é um marco divisório entre o que podem e devem fazer.

Em determinada entrevista no ano de 2017, a escritora brasileira Conceição Evaristo respondeu à pergunta feita pela filósofa Djamila Ribeiro: “Devemos desistir de publicar nossos escritos?” “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. Com essa abordagem muito se tem a desenvolver, de inicio, que o silenciamento vivenciado por mulheres negras é um diferencial quando se prega o estudo de gênero, em segundo ponto, o que é produzido cientificamente, muitas vezes, não é considerado Ciência, e com isso nos leva a mais uma abordagem: o que de fato deve ser considerado como conhecimento científico no Brasil? E como os conhecimentos foram sendo acumulados historicamente no nosso país?

É fato que as mulheres negras tem lutado contra a asfixia de suas vidas, de suas ideias e de seus saberes com muito afinco com o passar dos anos. Isso se reflete na forma como essa representatividade chega até as etapas da educação. A resistencia precisa ser fato para que meninas e mulheres não sejam engolidas por um sistema que massacra e destrói as concepções individuais.

Historicamente, o nascimento da Ciência tem sido reconhecido como um fenomeno que surgiu no continente europeu, no apogeu da modernidade, tendo sido negados todos os saberes produzidos pelos povos ancestrais não europeus, mas que foram e ainda são fundamentais para a compreensão de fenomenos ligados a estruturação do conhecimento greco-europeu. Neste sentido, quando analisados almanques, livros e qualquer material de divulgação científica as representações de cientistas serão sempre homens, cisgenero, heterossexuais, e claro, brancos.

Em outros termos, como cita Pinheiro (2018), sendo a Ciência um espaço de poder, a representação de seu desenvolvimento foi associada à imagem de sujeitos sociais aceitos e hegemônicos.

A partir desta abordagem nossa perspectiva será de contextualizar a produção do conhecimento científico e a percepção de crianças na faixa etária de 10 a 11 anos de idade com relação ao perfil de cientista que se fomenta no Brasil. Para tal, foi realizada uma pesquisa-ação, de abordagem qualitativa, na qual os estudantes poderiam livremente opinar e contribuir com os dados.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho realizou-se com base nos moldes de uma pesquisa – ação, no qual aprende-se e obtém-se os dados mais sobre a prática e sua investigação à medida em que se avança com ela. A pesquisa – ação é um estudo que tem a finalidade de melhorar a qualidade da ação realizada para resolução de um problema. Ela tem como objetivo modificar a realidade através de uma prática reflexiva, onde se avalia constantemente as práticas adotadas. (JOHN ELLIOT, 1990). E conseqüentemente leva os estudantes, neste caso, a refletirem sobre as suas afirmações e quais os interesses nestas abordagens adotadas por eles.

A abordagem adotada para análise dos dados é a qualitativa por entendermos que assim seria uma abordagem mais ampla e com melhores possibilidades de desenvolvimentos.

Sendo assim, inicialmente foram expostos na sala de diversos cartazes contendo figuras de cientistas de diversos tempos históricos, sendo solicitado que cada estudante individualmente analisasse e refletisse quais e quem eram os cientistas expostos e quais não poderiam ser cientistas de forma alguma e argumentando o porquê de suas escolhas.

Foi inicialmente cedido um tempo para essa análise individual e anotações de considerações sobre os retratos nos cartazes.

Na sequência, foi proposta uma roda de discussões, onde poderiam ser expostas as considerações individuais e suas anotações.

Para conclusão desta coleta de dados, o mediador-pesquisador, através de contextualização e tomadas de discussões participou ativamente da pesquisa.

## REFERENCIAL TEÓRICO

As construções sociais brasileiras em torno do racismo são configurações que estão a todo tempo sendo sistematizadas e necessitam desta contextualização. Silvio Almeida (2019) apontará que existem diversas formas do racismo se apresentar entre nós. Vai desde uma atenção diferenciada, até a configuração dos saberes científicos. Quando notamos algo em torno de uma brincadeira, de um comentário fora do contexto, são representações de racismo nas suas mais variadas formas.

“Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos” (ALMEIDA, 2019). Essa é uma definição que se difere do preconceito racial e da discriminação racial. Contudo, estão de qualquer maneira contribuindo para exclusão de determinados grupos sociais em detrimento de outros, exclusivamente pela “raça”.

O racismo quando atrelado a gênero ganha mais uma configuração, Lelia Gonzalez (2020) traz que o gênero e a etnicidade são manipulados de modo que, no caso brasileiro, os mais baixos salários, os mais baixos níveis de participação na força do trabalho, coincidentemente pertencem exatamente às mulheres e à população negra. Sendo assim, não é de forma não intencional que as configurações sociais se moldam. Tem interesses e privilégios que se desejam manter independentemente de como se fará.

Joselina da Silva (2009), afirma, “a história pessoal, a dos ancestrais e a do grupo concorrem, desse modo, para que a diáspora de uma coletividade seja mantida”. Sendo assim, os privilégios e direitos de uma parte da sociedade atrelado ao benefício de raça são mantidos a partir do instante que estereótipos e formações de imagens são perpetuadas de geração em geração.

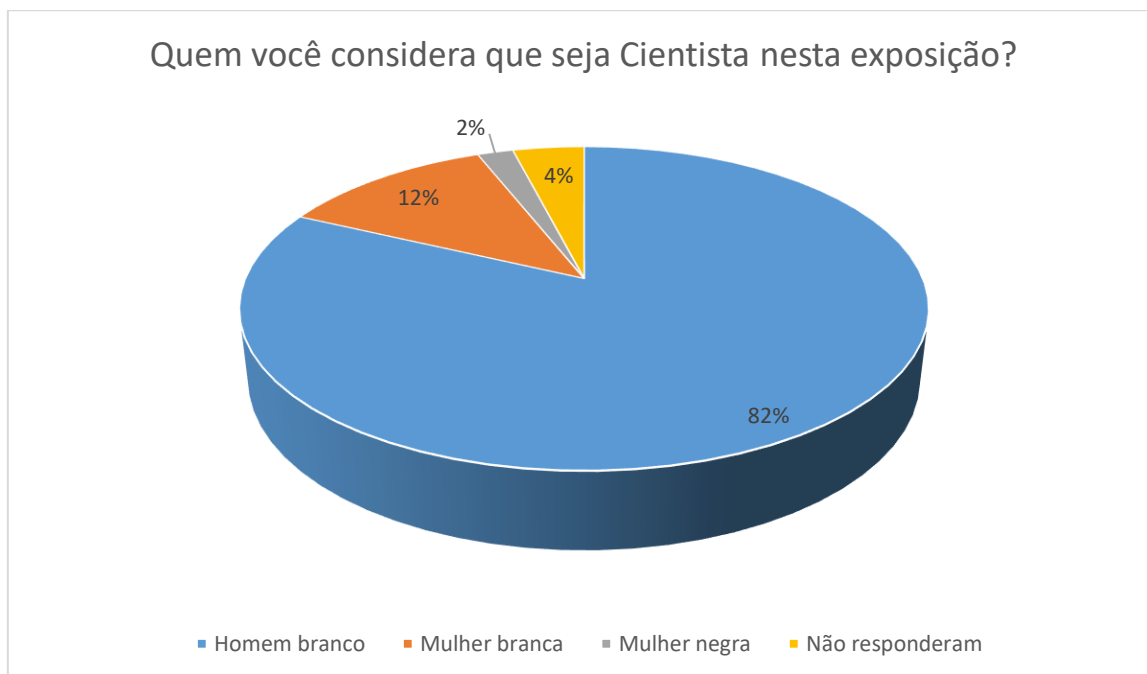
Essa é uma discussão muito mais abrangente e que nos leva a muitas vertentes desta análise. Contudo, carecem estar nas escolas, nos centros, nas praças e em todos os lugares que faça jus a quebra da institucionalização acadêmica e científica.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como hipótese inicial acreditava-se que os estudantes desta fase de Ensino reconheceriam os cientistas com os fenótipos característicos da Europa, homens, cisgênero, brancos, que fizessem

menção ao que os estudantes estão habituados a perceberem nos livros didáticos e manuais de divulgação científica.

Quando solicitado que espusessem suas opiniões sobre quais eram os cientistas dos diversos retratos expostos em cartazes pela sala, e quais não eram cientistas. 82% configurou respostas que confirmam a hipótese inicial, afirmaram que cientistas eram de fato os homens e que fossem os brancos. 12% afirmaram ter mulheres na Ciência, e apenas 2% afirmaram que haviam mulheres negras que fazem ciência. Conforme pode ser analisado no gráfico abaixo:



**Gráfico 1:** Cientistas do mundo. Fonte: Elaboração própria.

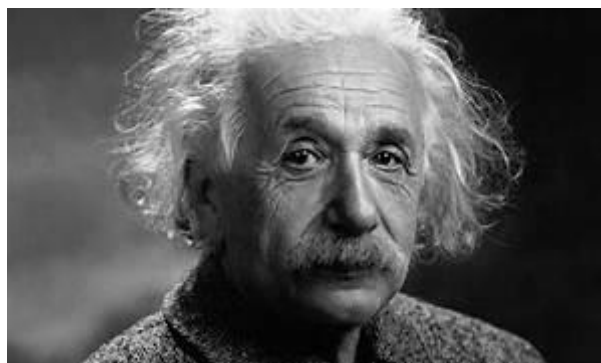
Nota-se evidentemente que a formação de imagens exteriorotipadas está sendo o marco divisorio para a representação que está sendo vinculada aos saberes de crianças e conseqüentemente de pessoas adultas.



Quando questionado os motivos das escolhas, os estudantes puderam demonstrar o quanto o racismo científico é forte na sociedade. Quando impelidos a pensarem sobre as profissões das pessoas expostas para análise, cerca de 90% atribuiu profissões de caráter manual e que não necessite de formação científica para as pessoas negras. Enquanto para os homens brancos atribuíam funções acadêmicas e com formação intelectual.

Essa é uma abordagem que necessita de análise e contextualizações. Essas discussões precisam entrar nas escolas de educação básica, onde meninas e meninos precisam se sentirem representados e confiantes para se sentir pertencentes a esses lugares.

Um dos estudantes pesquisados afirma que um senhor de mais idade (Albert Einstein, *imagem abaixo*) é com certeza um cientista ele diz: com certeza esse aqui (aponta) é um cientista, não tenho dúvidas, deve ter criado algo bem importante, tipo um foguete espacial. E eu pergunto: por que você acha que esse é sem dúvidas um cientista? Ele responde: primeiro por que ele tem a cara de nerd, depois ele tem esses cabelos arrepiados e com roupa de laboratório.



Albert

Einstei,

Disponível

em:

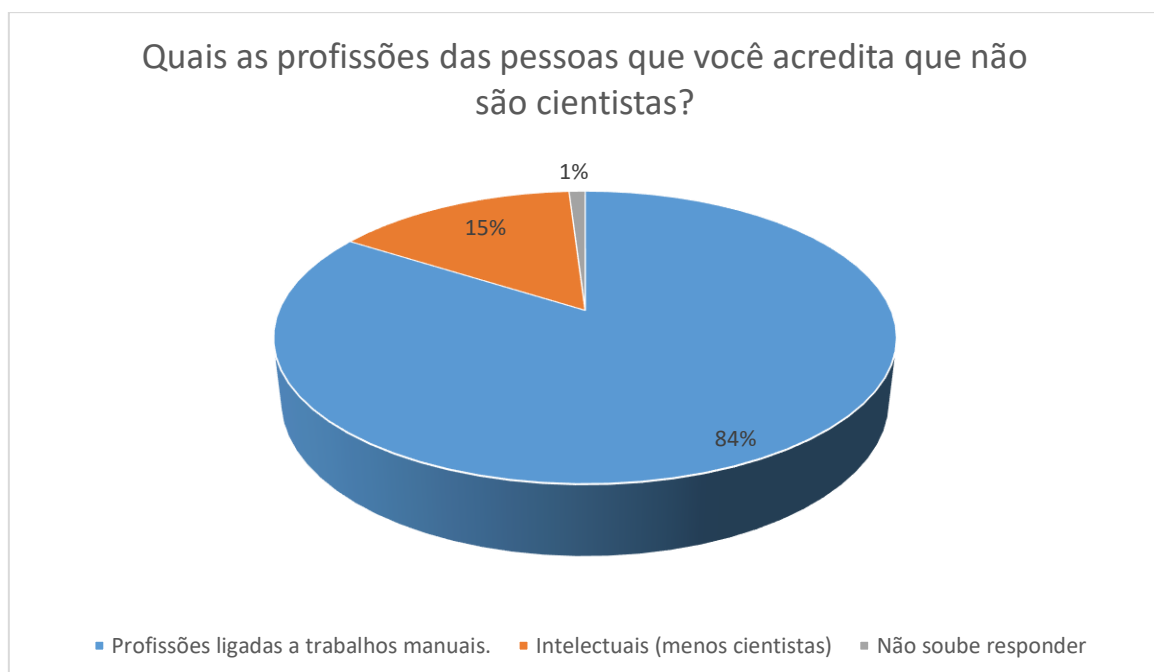
[https://br.images.search.yahoo.com/search/images:\\_ylt=AwrO8ui1gR1mpvsU0jLz6Qt.:\\_yl](https://br.images.search.yahoo.com/search/images:_ylt=AwrO8ui1gR1mpvsU0jLz6Qt.:_yl)

As concepções em torno da Ciência é de fato algo que merece nossa atenção e análise. As configurações em torno do perfil de cientista esta ligado a ser homem de cabelo arrepiado, a genios, essa configuração não deve ser perpetuada. Uma vez que tanto a natureza quando a historiografia da Ciência aponta para uma pesquisa repleta de dificuldades, falhas e convicções que precisam ser entendidas antes de levadas ao conceito propriamente dito.

Quando questionados sobre os motivos de cada escolha puderam ainda argumentar por que não havia entre suas escolhas uma mulher negra. Uma menina respondeu: não tem como essa ser cientista. Por que ela tem cara de trabalhadora da roça, deve estar muito ocupada com essas coisas, ai não sobra tempo mesmo para estudar.

Percebe-se com isso a formação de imagens em torno do racismo recreativo, definido por Almeida, no qual, a formação de imaens em torno da sociedade prega sempre o ideal da boa aparência (geralmente branca), estudiosos, bonitos e assim sucessivamente. Nota-se que nestes momentos de contextualizações e argumentações todos poderiam falar conforme o que de fato acreditavam, sem haver interferencia nem redirecionamento dos dados.

Questionou-se tambem quais as profissões que deveriam ter as pessoas que eles julgaram como não sendo cientistas. Cerca de 84% afirmaram que os demais deveriam ter profissões manuais. 15% afirmaram que deveriam ter profissões intectuais, menos cientistas, e os demais não souberam se posicionar. Observa-se mais uma vez a configuração do racismo em torno das formações de imagens presentes nos estudantes da educação basica.





**Gráfico 2:** Profissões. Fonte: Elaboração própria.



Nota-se que através desta pesquisa – ação varias vertentes poderiam ser levantadas com relação a essa resenatividade científica e a formação de imagens nos estudantes menores. Contudo, a abordagem aqui pretende nos levar ao questionando do quanto as formas implícitas sobre as quais manifestam-se o racismo nas suas mais variadas maneiras interferem e levam a formação de opiniões que perdurarão por muito tempo sendo confirmadas sempre caso não haja de fato uma desapropriação cultural em torno do conhecimento científico e uma descolonização de saberes de modo eficiente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante o exposto, notamos que o conhecimento científico é desde muito longe algo inerentemente produzido no continente africano. Se a humanidade surgiu na África, logo, os primeiros saberes inerentes a sobrevivencia humana surge a partir deste continente, assim, a partir das pessoas negras. Mas qquando se silencia esses saberes e apagam propositalmente essas contribuições elegendo-os como seres menos capazes, racializados, automaticamente levam-nos a formação de imagens ligados a essa ausencia, esse apagamento.

Infelizmente, é muito comum em nosso país as crianças, jovens e mesmo adultos, terem acesso a historia da população africana no mundo apenas a partir do trafico de seres humanos escravizados (MUNANGA, 2006), remetendo-nos a vinculação ontologica, a uma simples



condição de existencia. No entanto, precisamos lembrar, essas pessoas não nasceram escravas, elas foram escravizadas.

Comumente, o primeiro contato que estudantes tem nas escolas com um corpo negro de forma didática é em um navio negreiro. Esse é o traço constitutivo de uma exploração cultural ainda atualmente, mostrados incapazes e sem convicções para a ciência.

É preciso educar a juventude mostrando narrativas diversas e decoloniais dos diferentes marcos civilizatórios que nos constituíram. Basta de uma narrativa eurocentrica que reduz a existencia ancestral de povos ao abismo do esquecimento.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, S.. Racismo estrutural. [Structural Racism]. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. ISBN 978-85-98349-75-6

SILVA, Joselina. Mulheres negras, história de algumas brasileiras. Centro de Articulação de Populações marginalizadas. Rio de Janeiro, 2009

MUNAGA, Kabenguele. Negritude, usos e sentidos. Editora Ática. São Paulo. 1986

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. *Revista Isis Internacional*, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.